

## nA singradura do capinador, de Luís Serguilha

Beatriz Bajo (03/12/2007)



Sobre uma capa rubra, toda em fendas de um vermelho mais vivo e com versos que as acompanham em entrecortes ao acaso, caminha o título “A Singradura do Capinador”, livro, lançado há exatamente dois anos atrás pela editora Índicios de Ouro, do poeta português Luís Serguilha.

Ao abrir o volume, tem-se a surpreendente percepção de largueza, haja vista que o formato de todo o livro está em paisagem. Assim sendo, essa configuração altera a percepção visual habitualmente vertical de nossas leituras. Estendem-se poemas por sobre as páginas que se dilatam juntamente com as extensas linhas poéticas de Serguilha.

Com uma epígrafe acertada, em que aparecem os versos que iniciam e encerram o poema “Quase”, de Mário de Sá-Carneiro, o livro deflagra além de singeleza, a acepção vital que motiva proximidade, iminência:

Um pouco mais de sol — eu era brasa  
Um pouco mais de azul — eu era além  
Para atingir, faltou-me um golpe d’asa...  
Se ao menos eu permanecesse aquém...

Singradura, como sendo o espaço que um navio percorre entre dois meio-dias até fechar 24 horas, pode remeter à “Singlatura” de Jorge Luís Borges em que alguns longos versos desembocam em significações para o mar em uma tarde repartida: “El mar es un antiguo lenguaje que ya no alcanzo a descifrar./ En su hondura, el alba es una humilde tapia encalada.”.

Assim, 37 poemas são intitulados com algarismos romanos e, ao primeiro olhar, os versos parecem flutuar na página, em virtude da disposição tão fora do que é convencional, sem nenhum tipo de pontuação e a cada estréia de linha os espaços ocupados são distintos, de acordo com a casualidade da entonação. Nota-se que também a seleção de caixa alta acompanha o ritmo da leitura, a pausa para a respiração, talvez seja uma inusitada sugestão à formação de estrofes:

Numa ondulação intervalada de rastejantes substâncias  
magnetizas a espádua ilimitada das combinações  
que auscultam o exuberante deslizamento dos semáforos instantâneos  
onde os pilares escalavrados do sol parecem pássaros  
de vantagens perfeitas  
As assinaturas dos abrigos inesperados são longamente embaladas  
pelo esboço incandescente dos golfos caçadores  
como as lavras despercebidas a susterem  
as sentenças primaveris dos labirintos  
sobre a circunspeção cosmopolita dos respiradouros  
aqui as escrituras  
caprichosas  
das maratonas solares são capturadas  
pelas toalhas aceleradas das fêmeas  
que partilham o monumento do ilusionismo  
com a lua fenícia das eternas  
fronteiras

O primeiro verso inicia-se por preposição, ou seja, o que se coloca antes. Além de ser uma palavra relacional, normalmente, a preposição encontra-se situada entre outras. Assim estão as substâncias que serão atraídas pela segunda pessoa do discurso, privilegiada porque, a cada sinal de domínio dos fluxos contínuos, os sustentáculos serão arranhados pelo sol, ou seja, pela luz, e transmutam-se: em vez de ruírem, voam.

Os conceitos arraigados, então, vão sendo impulsionados por um traçado em brasa advindo do braço do mar que adentra a terra. E é aqui que trabalha o capinador (capinar + dor), como aquele que carpe ou que chora, que em sinal de dor arranca algo, emenda, conserta, que se dedica ao aprimoramento da terra.

Esse é o caminho no qual se pretende extrair a preciosidade entre os sentidos que brotam, inovadores, do processo multiplicador da construção significativa. Assim, dá-se a poesia de Luís Serguilha “sobre a circunspecção cosmopolita dos respiradouros”, linguagem que está sendo ventilada pelo mundo, desprezando as fronteiras, apreendendo a humanidade de cada homem.

E são as fêmeas que enxugam as corridas do sol com sua expressividade irregular. Tais toalhas-folhas são reflexos lunares basilares na formação simbólica idiomática, idiossincrática.

## XI

O acrobatismo dos faróis emoldura admiravelmente os galopes dos interfaces  
marsupiais  
parecem um alicerce de mosaicos orvalhados  
a ritmar a antevisão da prodigiosidade hereditária  
das moradas  
ameaçadoras  
O mecanismo das mandíbulas turísticas  
acompanha as audiências desconjuntadas do pousio  
aos odores feéricos das eclipsadas ânforas  
é nesta víbora entreaberta de pugilantes histórias  
que o bordel cavalga na vacuidade perfeita da voz  
para transformar o insondável estandarte dos girinos  
em recitais solares  
semelhantes às fívelas jurássicas  
recolocadas  
vertiginosamente  
nos itinerários despreocupados dos  
corpos  
onde os vestidos de exactos hologramas é soletrado  
entre os golpes sonâmbulos das fortificações anfíbias  
Remanesce uma cor do desabrochamento entre as bailarinas amásias  
que imploraram  
concentradamente  
a destreza pacífica do naufrágio  
às inominadas bebedeiras das ecoantes borboletas

É de extremo bom gosto a imagem de como a poesia pode ser recebida. A luz (o que esclarece) comendo com virtuosismo uma dança que é o “entre”, no qual se apóiam diversas outras imagens a serem condensadas em uma cadência que prevê a descendência do extraordinário que reside no intimidante.

O que nasce caminha desde os sons que descansam na terra até as fragrâncias do mundo surpreendente quando submerge por entre os líquidos ou sementes. Serguilha traça magistralmente o processo transformador de significados, o qual se encerra no renascimento do que, sem nome, aparecerá como a metamorfose da borboleta.

O único poema que tem título é o último, “Canário-do-mar”. Parece que o poeta sintetiza este trabalho que circula entre água e terra na química das construções líricas que voam com o canto melodioso de um pássaro. No entanto, Canário-do-mar (*sea canary*) é um nome dado à Baleia Branca ou Beluga, devido a seus cantos e assobios. Essa espécie de mamífero cetáceo marinho possui uma enorme boca e é o maior animal atualmente existente, hábil para a convivência com humanos, já que é capaz de assimilar seus hábitos.

As orações sazonais dos embarcadores enclausuram as lendas  
ciclônicas dos navegadores  
para dilatarem os delineamentos hesitantes das constelações  
Os sinónimos árticos dos veleiros-parábolas as coincidências  
dos periscópios das torrentes e os meteoros intemporais do guitarrista  
soldam demoradamente  
a curvatura fértil do outono na fidelidade eqüestre da tempestade  
Os caçadores de espelhos eternos emolduram a arqueologia das locomoções  
no desassossego da notabilidade nas ânforas póstumas dos aluviões  
e na eremitagem rebelde do guitarrista  
onde o tear mutante do oceano restaura a verdadeira morada dos amantes

Neste final do poema, Serguilha aborda sobre a apreensão dos significados por parte dos navegadores-leitores e, por conseguinte, o alargamento das representações que trepidam como as estrelas no firmamento interior (mental). Assim, vão se estruturando os mecanismos (vê-se que não há vírgulas, mas um espaço mais extenso entre os organismos): sinônimos às elaborações que serão verdades cristalizadas, reflexões que serão feitas através de superposição de observações e *insights*.

O poeta ressalta o papel dos artistas, intelectuais, estudiosos de uma maneira geral, como “caçadores de espelhos eternos”. Estes assumem o papel de investigadores da humanidade e seu progresso, em um movimento inquieto e fundamental para o desenvolvimento da sociedade. São depositados os sedimentos dessa coletividade em suas mentes, acompanhadas pela solidão indócil que grita entre as tramas fluidas na qual reside o amador e a arte.

Enfim, Luís Serguilha trata sua obra com elegância em um trabalho que investiga as infindáveis possibilidades de uma palavra significar. Com metáforas que não conhecem limites, sua poesia em “A Singradura do Capinador” é horizontal, larga e requintada, trama que, ao ser arquitetada, vai revolvendo a terra simbólica de nossas palavras, cavando entre os terrenos, fertilizando-os. E a cada lágrima que versa com os sulcos provocados pela trajetória de suas expressões, pedras são quebradas, algo é expurgado e outro, amolecido, durante a leitura dessa alquímica poesia.

Referência:

SERGUILHA, Luís. **A Singradura do Capinador**. Lisboa: Índicios de Ouro, Edições Lda e Luís Serguilha, 2005.

Mais informações:

<http://www.intensidez.com/AutorLuisSerguilha.htm>